

AS COMPREENSÕES DOCENTES DA PERTINÊNCIA DA MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO PRIMEIRO CICLO DOS ANOS INICIAIS

João Carlos Pereira de Moraes¹, Vânia Figueira de Assis Bruzarosco²

RESUMO

A pesquisa a seguir visou investigar o papel da motivação na visão de professores do Primeiro Ciclo dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental sobre o processo de alfabetização de seus alunos. Para tanto, realizou-se uma entrevista sobre o tema, com quatro professores que atuam nesse nível de ensino, durante o segundo semestre de 2017. Como resultado, percebe-se que os professores possuem dificuldades em conceituar motivação, assim como entendê-la no âmbito do processo de ensino. Mesmo assim, todos os docentes ressaltam-lhe a importância para o campo educacional.

Palavras-chaves: Alfabetização; Aprendizagem; Motivação; Visão docente.

TEACHING COMPREHENSIONS OF THE RELEVANCE OF MOTIVATION IN THE LITERACY PROCESS IN THE FIRST CYCLE OF THE INITIAL YEARS

ABSTRACT

The following research aimed at investigating the role of motivation in the teachers' view of the First Cycle of the Early Years of Elementary Education about the process of literacy of its students. Therefore, an interview was conducted among four teachers who work at this level of teaching on the subject during the second half of 2017. As a result, it is noticed that teachers have difficulties in conceptualizing motivation, as well as understanding it within the teaching process. Even so, all teachers emphasize their importance to the educational field.

¹ Mestre em Educação Científica e Tecnológica (UFSC). Doutorando em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é Professor da Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos e Professor dos anos iniciais da Prefeitura Municipal de Ourinhos/SP. E-mail: joacarlos_pmoraes@yahoo.com.br.

²

Keywords: Literacy; Learning; Motivation; Teaching vision.

INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização e letramento é uma fase de extrema importância na vida da criança. Consiste na criação de mecanismos significativos para o ato de ler o mundo em que ela vive (FREIRE, 2017). Tal ponto na vida escolar da criança é uma grande responsabilidade para o educador, pois os sentidos que o indivíduo atribui no processo da introdução ao mundo da leitura e escrita a transforma em prazerosa ou dispendiosa. Eis que aqui se insere o elemento *motivação*, objeto deste artigo.

Isso se torna pertinente pelo que assistimos nas escolas, isto é, um número grande de crianças com dificuldades no aprendizado durante o processo de alfabetização. Cada criança provém de um contexto histórico e social diferente, o que faz com que os educadores se deparem com as mais diversas situações, desde pobreza, violência doméstica, abuso sexual, abandono³, etc. Os problemas que uma criança traz de casa refletem na escola, possibilitando a desmotivação das crianças e, muitas vezes, conseqüentemente, as dificuldades de aprendizagem durante o processo de alfabetização.

Nesse sentido, esta pesquisa visou criar elementos para responder à seguinte pergunta: *Qual o papel da motivação na visão de professores do Primeiro Ciclo dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental sobre o processo de alfabetização de seus alunos?*

Para atingir esse problema, discutiremos no decorrer do texto os seguintes pontos: 1) A relação entre motivação e aprendizagem; 2) O processo de alfabetização. Finalizamos o trabalho apresentando as respostas obtidas por meio de um questionário de cinco professores que atuam no Primeiro Ciclo dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental sobre o tema.

A RELAÇÃO ENTRE MOTIVAÇÃO E APRENDIZAGEM

³ Esta é uma importante variável, acrescida dos banheiros entupidos, das carteiras quebradas, dos baixos salários docentes, da ausência de biblioteca(s) etc.

A motivação das crianças deve ser vista pelos educadores de forma especial, pois uma criança desmotivada poderá apresentar dificuldades no aprendizado ou no interesse em aprofundarem-se seus estudos (LEMOS, 2005). Se ela não tem motivação para aprender, a escola pode ser uma prática cotidiana penosa e desprovida de alegria. Em algumas situações, a própria família não se preocupa com os interesses da criança pela escola, ou seja, a criança não recebe estímulos em casa para os estudos, conforme aponta Moraes e Varela (2007). Pode acontecer ainda que, na escola, o educador não leve em conta a individualidade dessa criança⁴ e os motivos que a leva a ter tanta dificuldade e, conseqüentemente, o problema dessa criança passa despercebido.

Nesse contexto, Bzuneck (2001) define motivação “como um estado psicológico fundamental que dá direção a um fim. É aquilo que move uma pessoa, pondo-a em ação ou fazendo-a mudar de curso” (BZUNECK, 2001, p. 8). Portanto, podemos considerá-la um mecanismo promotor para o crescimento e aprofundamento das capacidades individuais.

Segundo Maslow (2000; 1975), o comportamento motivacional do indivíduo ocorre a partir da satisfação das necessidades humanas. Entende-se, portanto, que a motivação não consiste em algo isolado, mas é o resultado de todo contexto em que vive o indivíduo, motivando-o a ação motivada ou não. Deste modo, conforme o autor, quando as necessidades não são satisfeitas sobrevém à frustração do indivíduo, refletindo-se em um comportamento negativo. Pode-se, assim, assumir várias atitudes, como, por exemplo, a falta de interesse pelas tarefas ou objetivos, a autoestima baixa, pessimismo, insegurança, etc...

Nesse sentido, as necessidades dos seres humanos obedecem a uma escala de valores a serem transpostos, conforme Maslow (2000; 1975). Isso significa que, realizando-se uma necessidade, surgirá outra no lugar, o que permite que as pessoas estejam sempre em busca de novas realizações. No campo escolar, cabe pensar que essas necessidades precisam ser atendidas para que um aluno esteja motivado no processo de alfabetização. Caso contrário, sobressairá e, possivelmente, enraizarão atitudes negativas sobre a educação escolar.

⁴ Cumpre atentar-se para o número (numeroso!) de alunos por turma.

A teoria de Maslow propõe uma representação em forma de escala ou pirâmide das necessidades humanas a serem sanadas para o processo de motivação (MASLOW, 1975).

Figura 1 – Pirâmide da Hierarquia das Necessidades Humanas



Fonte: Maslow (1975)

O autor apresenta cinco necessidades do ser humano no processo de motivação, sendo que aquelas que constituem a base da pirâmide são elementos primordiais para atingir as necessidades superiores. São elas, da base para o cume da pirâmide,

- *Básicas ou fisiológicas*: alimentação, moradia, sono, etc;
- *Segurança*: proteção contra os perigos;
- *Sociais*: interações sociais;
- *Autoestima*: envolve a auto apreciação, autoconfiança, independência e autonomia;
- *Auto realização*: é de cada indivíduo, realizar seu próprio potencial e de auto desenvolver se continuamente.

Nesse sentido, mesmo sabendo que muitas crianças no espaço escolar não têm atendidas as suas necessidades fisiológicas, o professor precisa driblar tal contexto e oferecer, mesmo que de forma mínima, uma base de intervenção nas demais necessidades. Ou seja: torna-se papel do professor oportunizar para a criança uma sala de aula em que ela se sinta segura, tenha boas interações com o grupo, seja valorizada e possa construir e testar suas hipóteses. Entretanto, o comportamento da criança não está associado somente a agentes externos. Como aponta Guimarães (2001), a atitude

humana é resultado tanto de fatos intrínsecos como extrínsecos ao homem, sendo que somente pelas intervenções nos dois âmbitos é que o ciclo motivacional pode entrar em ação.

Segundo Lens, Matos e Vansteenkiste (2008), na motivação extrínseca, o controle da conduta é decisivamente influenciado pelo meio exterior, não aos fatores emocionais inerentes, nem ao sujeito, nem a tarefa, mas simplesmente ao resultado entre ambos. Assim, considera-se que o professor representa um dos sujeitos interventores no processo de motivação extrínseca, sendo que os outros espaços e pessoas, com os quais a criança convive também ingressam nessa constituição.

Dessa forma, a motivação extrínseca está relacionada, tal como reforça Tapia (1997), com metas externas. Isto é, com situações em que a conduta se produz com a finalidade de apenas se evitar qualquer punição ou castigo. Nessas situações, o sujeito preocupa-se, sobretudo, com a sua imagem, com o seu “eu”.

Já a motivação intrínseca corresponde a situações que não correspondem necessariamente a recompensa deliberada (GUIMARÃES et al, 2004). Ou seja: relaciona-se com tarefas que satisfazem por si só o sujeito, representando as suas metas internas. Segundo Arias (2004), vários autores identificam as metas externas como metas de rendimento e as metas internas como metas de aprendizagem.

Os alunos que possuem metas de aprendizagem envolvem-se mais facilmente na própria aprendizagem, de formas a adquirir conhecimentos e desenvolver competências (LOURENÇO, 2010). Por outro lado, os discentes com metas de rendimentos estão mais preocupados em demonstrar seus níveis de competências e com juízos positivos que deles possam ser feitos, conforme aponta Arias (2004).

Sendo assim, os alunos mobilizados por motivações intrínsecas são dedicados às tarefas escolares e ao objetivo de desenvolver suas competências. Já aqueles com motivação extrínseca são impulsionados por reconhecimento, sendo o seu principal objetivo obter avaliações positivas (FONTAINE, 1990; ARIAS, 2004). Nesse contexto, entende-se que a proposta educacional procura formar sujeitos com motivação intrínseca para aprender, aquele capaz de ter autonomia no seu aprendizado e competências para aprender a aprender (DELORS, 1998).

Observando o exposto supracitado, parece, em primeiro momento, que não existem modos de intervenção no processo da motivação do outro. Entretanto, no entender de Boruchovitch (2009), a motivação não é somente uma característica própria do aluno, mas também mediada pelo professor, pelo ambiente da sala de aula e pela cultura da escola. Na opinião da autora, das distintas formas de promover a motivação, a principal é que o próprio professor seja um modelo de pessoa motivada. Ou seja: o ideal seria que todo o entorno do espaço escolar seja motivador e que o professor realize seu trabalho com prazer.

Oliveira e Alves (2001) referem as quatro variáveis que mais influem na motivação para estudar. São elas:

1. O estímulo dado pelo professor.
2. O mínimo possível de controle dado pelo professor, isto é, este deve atuar mais como estruturador, guia e facilitador do que controlador.
3. O espírito de equipe dentro de sala de aula.
4. A percepção pelo aluno da utilidade em que se aprende.

Após o exposto nas discussões realizadas, corroboramos as palavras de Laburú (2006, p. 388), ao dizer que “a aprendizagem de qualidade é o resultado da sinergia entre motivação e cognição” (p. 388). Quando se trabalha a motivação do aluno, ele aprende com mais rapidez e mais facilidade, enquanto a ausência de motivação poderá acarretar suas dificuldades.

Quanto ao processo de alfabetização, cumpre ainda ressaltar a fala de Emília Ferreiro (1986). Segundo esta autora, tudo aquilo que se passa com a criança no início de sua escolaridade é decisivo para toda vida. A infância é realmente uma fase muito importante na vida do indivíduo. Nós, educadores, não devemos jamais esquecer que a criança de hoje é o adulto de amanhã!

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização é um processo que se inicia antes da criança entrar para a escola, mediante a suas experiências vividas no seu dia a dia (FERREIRO, 1986). São exemplos de espaços de um encontro com a leitura e a escrita: as palavras presentes em produtos no supermercado, as informações divulgadas na televisão e Internet, placas de lojas,

sinais de trânsito, enfim, o encontro com o cotidiano faz-se por meio de mecanismos de leitura. Tudo vai sendo observado e registrado na memória dos pequenos.

Quando a criança chega à escola, onde é submetida a mecanismos formais de aprendizagem da leitura e da escrita, ela já traz um conhecimento do universo letrado (LERNER, 2002). A esse processo de adquirir o sistema linguístico e as habilidades de utilizá-lo para ler e escrever formalmente dá-se o nome de alfabetização.

Aliado à alfabetização deve estar o processo de letramento. Segundo Soares (2004; 2001), dissociá-los seria um equívoco para qualquer sistema de ensino. Entretanto, diferente da alfabetização, o letramento se preocupa com a função social do ler e escrever. Nesse sentido, tornou-se objetivo da escola introduzir os alunos nas práticas culturais de leitura e escrita, e não mais somente ter habilidades de codificar e decodificar a escrita. Ou seja: é necessário mais do que ensinar as letras e sua relação com os sons, sílabas, palavras e frases: é preciso trabalhar com textos voltados para o debate da realidade, estimulando compreensão dos diversos gêneros textuais e sua funcionalidade social.

Essa associação alfabetização e letramento

[...] implica habilidades variadas, tais como: capacidade de ler e escrever para atingir diferentes objetivos para informar ou informar-se, para interagir com os outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...: habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcaram o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever: atitudes de inserção lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor (SOARES, 2001, P.92).

Portanto, as práticas pedagógicas em sala de aula devem estar sempre direcionadas no sentido da alfabetização, na perspectiva do letramento. Relação esta que proporciona a construção de habilidades para o exercício no âmbito da sociedade em que o sujeito está inserido, isto se deve porque a escrita não é um produto escolar, mas, sim, um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade, cumprindo diversas funções de existência (FERREIRO, 2017).

Portanto, não basta compreender a alfabetização como aquisição de uma tecnologia, é preciso ter ciência de que o ato de ensinar a ler e escrever requer a possibilidade de criar condições para que o sujeito faça parte do seu contexto social, agindo como ser ativo e crítico, capaz de exercer práticas conscientes de consumo e produção de conhecimentos em diferentes instâncias sociais e políticas. Conforme Freire (2017), o professor é constantemente desafiado a assumir uma postura política que envolve o conhecimento e o domínio do que ensinará, principalmente no que se refere à complexidade de alfabetizar a letrar.

Freire (1991) aponta que, enquanto prática discursiva, a alfabetização

[...] possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social (FREIRE, 1991, p. 68)

O letramento tem a função de emancipação do indivíduo, uma função transformadora, tornado o sujeito crítico e autônomo (FREIRE, 2014; 1991). Consideramos que este talvez seja o principal elemento para considerarmos a motivação no contexto escolar. Emancipar exige de um sujeito que ele se empenhe e esteja envolvido com o seu aprendizado. Caso contrário, o processo de aprender tornar-se-á enfadonho e desnecessário para pensar a realidade.

Nesse sentido, Emília Ferreiro (2017, p. 43) afirma que nenhuma criança “aprende porque vê ou escuta ou por ter lápis e papel à disposição, e sim porque trabalham cognitivamente com o que o meio oferece”. Deste modo, acreditamos que entender-se no lócus de sujeito interveniente do seu meio de vida, está essencialmente ligado a motivação e a trabalho cognitivo para o aprender.

METODOLOGIA

A pesquisa é de abordagem qualitativa, método de investigação científica que se foca no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as particularidades e experiências individuais, por exemplo.

SUJEITOS

Para pesquisa foram selecionados quatro professores que atuam no processo de alfabetização, Primeiro Ciclo dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na Rede Municipal de Ensino de Ourinhos/ São Paulo, caracterizados como P1, P2, P3 e P4.

INSTRUMENTOS

Para coleta de dados foram distribuídos questionários com questões abertas, buscando entender os seguintes pontos: definição de motivação, importância da motivação no processo de alfabetização, estratégias de motivação, sujeitos responsáveis pela motivação do aluno, papel do professor, família e contexto social na motivação para aprender e motivação ou desmotivação do professor.

PROCEDIMENTOS

No segundo semestre de 2017 foram selecionados os professores P1, P2, P3 e P4, sendo-lhes entregue o termo de esclarecimento e, logo em seguida, distribuídas as questões abertas e recolhido após três dias corridos.

ANALISE DOS RESULTADOS

Os resultados foram analisados, comparando-se as falas dos sujeitos entre si e com os referenciais teóricos abordados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados das pesquisas juntamente com suas discussões foram divididos mediante as seguintes categorias: identificação dos sujeitos, definição de motivação, importância da motivação no processo da alfabetização, estratégias de motivação, sujeitos responsáveis pela motivação, papel do professor, família e contexto social na motivação para aprender e motivação ou desmotivação do professor.

1) *Identificação dos sujeitos:*

Tabela 1 – sujeitos.

Professor	Formação	Tempo de atuação dos anos iniciais	Tempo de atuação no ciclo de alfabetização
P1	Pedagogia/ciências biológicas/ graduação	pós- 6 anos e 6 meses	6 anos
P2	Pedagogia	10 anos	10 anos
P3	Artes plásticas	25 anos	25anos
P4	Pedagogia	23 anos	5 anos

Fonte: a pesquisa.

A maioria dos professores já atua há algum tempo na área dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, P2, P3 e P4 há mais de 10 anos. Entretanto, no Primeiro Ciclo do Ensino Fundamental, somente P2 e P3 atuam mais de 10 anos, uma vez que P1 e P4 possuem, respectivamente, 6 anos e 5 anos. A maioria do grupo tem graduação em Pedagogia; somente P3 é que é formada em Artes Plásticas.

2) Definição de motivação:

Tabela 2 – Definição de Motivação.

Professor	Resposta
P1	Algo que possa gerar, produzir interesse , recursos ou estratégias que “nos aproximam”, que desperte interesse.
P2	É uma vontade ou desejo de fazer algo ou para agir e alcançar os objetivos.
P3	Interesse por algo ou alguma coisa.
P4	Diversidade de processos pedagógicos , visando promover a motivação (intrínseca e extrínseca) e combinada do maior número de alunos. Adaptar as características dos procedimentos didáticos a multiplicidade existente em uma sala de aula. Apresentar/ trabalhar como educador mediador com diversidade de processos pedagógicos.

Fonte: a pesquisa.

Para P1, P2 e P3, a motivação define-se como *interesse, vontade de agir, fazer algo*. Já P4 ressaltou a *motivação intrínseca e extrínseca*, que, na visão docente, deve também ser despertadas pelo professor através de estratégias, pensadas perante a diversidade de sala de aula. Nota-se que tanto P1 como P3 apresentaram definições semelhantes à de Bzuneck (2001), ressaltando que a motivação se guia a algo, a um fim. Não é possível motivar-se sem objetivo.

Acreditamos que este seja o princípio seguido por P4 em sua resposta. O professor relatou ações que devem ser empreendidas pelos docentes para a promoção de processos de motivação do aluno. P4 ainda apresentou conhecimentos sobre

motivação extrínseca e intrínseca (GUIMARÃES et al, 2004; ARIAS, 2004), ressaltando que o papel docente de promotor desse processo.

3) *Importância da motivação no processo da alfabetização:*

Tabela 3 – Motivação e Alfabetização.

Professor	Resposta
P1	Para estabelecer vínculo, para valorização do processo, para despertar interesse pelo processo e que o mesmo seja produtivo e agradável.
P2	Ela é fundamental para que o aluno se alfabetize.
P3	Total importância, pois sem a motivação a alfabetização se torna tortura para o aluno e em muitos casos, ela deixa de acontecer no tempo ideal.
P4	Os alunos movidos por motivação intrínseca tem as tarefas escolares o objetivo de desenvolver suas competências e não apenas o objetivo de obter notas e avaliações "mecânicas" positivas . Eles se envolvem com as atividades com esforço, persistência e verbalização.

Fonte: a pesquisa.

Para P1 a motivação é importante para a valorização do processo de alfabetização, para o *prazer* em aprender. P2 a considerou *fundamental*. P3 ressaltou que sem ela a aprendizagem torna-se *tortura*, podendo causar um *atraso no processo de alfabetização*. Tais compreensões são corroboradas por Lemos (2005), quando refere que sem motivação o aprendizado poderá ser falho e sem significado ao aluno.

Já na fala de P4 é apresentado à importância da motivação intrínseca. A professora compreende que os alunos com tal motivação se envolvem mais nas ações escolares, possuem mais *esforço, persistência e verbalização*. Nesse sentido, Lourenço (2010) compreende que os sujeitos com metas de aprendizagem envolvem-se mais facilmente na própria aprendizagem, o que possibilita formas de adquirir conhecimentos e desenvolver competências.

4) *Estratégias de motivação:*

Tabela 4 – Estratégias de Motivação.

Professor	Resposta
P1	-Estabelecer metas a serem alcançadas. -Retorno positivo para os resultados obtidos. -Procurando despertar no aluno interesse em aprender. -Explicando os objetivos a serem alcançados.

P2	Tratá-los com carinho e afeto; motivá-los e elogiá-los para aumentar a autoconfiança, usar o lúdico, ou seja, o brincar pedagógico dirigido sempre.
P3	Uso várias estratégias e recursos para despertar o interesse dos alunos. A leitura diária de texto do interesse deles, gêneros variados, letras móveis, figuras, cantigas, projetos e sequência didática.
P4	Procuro preparar a atividade que torna a aprendizagem significativa para o aluno. Criando condições favoráveis ao processo ensino-aprendizagem. Atividades que impulsionam e levam o aluno para ação/aprendizado. Para que o aprendizado aconteça é necessário que os alunos recebam estímulos e os aceitem. Atividades interessantes, atraentes ou de alguma forma geradoras de bem estar.

Fonte: a pesquisa.

Conforme Oliveira e Alves (2001), as quatro variáveis que mais influem na motivação para estudar são: O estímulo dado pelo professor; O mínimo possível de controle dado pelo professor, ou seja, este deve atuar mais como estruturador, guia e facilitador do que controlador; O espírito de equipe dentro de sala de aula; e A percepção pelo aluno da utilidade em que se aprende.

Nota-se que os professores perpassam esses mecanismos. Todos trazem o estímulo como elemento principal, apresentando *o despertar do interesse em aprender* (P1), *carinho e afeto* (P2); *estratégias e recursos* (P3); *atividades interessantes e atraentes* (P4). Os docentes apresentam-se como guias do processo, sendo responsáveis pelo *brincar pedagógico dirigido* (P2) ou *criando estratégias que levem o aluno para ação* (P4).

Entretanto, somente P4 apresentou a necessidade de atividades significativas, o que nos possibilita pensar uma visão de alfabetização, na perspectiva de letramento (FERREIRO, 2017; SOARES, 2001). Estas atividades têm por objetivo promover uma ação crítica e política frente a realidade (FREIRE, 1991; 2017).

5) *Sujeitos responsáveis pela motivação:*

Tabela 5 - Sujeitos responsáveis pela Motivação.

Professor	Resposta
P1	Professor, família e equipe pedagógica.
P2	Família, professor e o próprio aluno .

P3	A equipe escolar de forma geral, mas, especialmente o professor e a família são peças fundamentais nesse processo.
P4	Em todo processo de aprendizagem humana, a interação social e a mediação do outro tem fundamental importância. Na escola, a interação professor-aluno é imprescindível para que ocorra o sucesso no processo ensino-aprendizado. Interação social é o papel do professor mediador são requisitos básicos para qualquer prática educativa eficiente.

Fonte: a pesquisa.

A maioria dos professores apontou como sujeitos responsáveis pela motivação do aluno a família, professor e escola. P2 foi o único que apontou o aluno como responsável pela própria motivação. Além dos sujeitos apresentados, Boruchovitch (2009) ressalta que a sala de aula e a cultura escolar são essenciais para a motivação do aluno. Visão que se respalda na interação humana. Com esta mesma ideia, P4 ressaltou a interação como elemento imprescindível do processo de motivação. Estar junto corresponde a apoiar-se e propiciar o espírito de equipe (OLIVEIRA; ALVES, 2010).

6) *Papel do professor, família e contexto social na motivação para aprender:*

Tabela 6 – Papel dos diferentes agentes na motivação.

Professor	Resposta
P1	Estimulação e conscientização da importância; muitas vezes o aluno não se sente motivado, pois para ele o aprendizado não tem significado, por outro lado a família pode também pela ânsia do aprendizado gerar uma pressão no aluno, deixando a motivação de lado e a trocando pela cobrança.
P2	O papel de todos é incentiva-lo e dar o suporte necessário para que ele tenha sucesso na alfabetização.
P3	O papel do professor é despertar o interesse e manter o foco no decorrer do processo. Já a família é incentivadora e tem que dar o apoio necessário no processo de aprendizado. O contexto social influencia, mas, não é fator relevante nesse processo.
P4	A motivação intrínseca do aluno não resulta de treino ou instrução, mas pode ser influenciada principalmente pelas funções do professor. Ofertando oportunidades de escolhas ou de feedback significativos. Facilitando para que o aluno tenha mais autonomia para desenvolver as atividades e competências. A família cabe o reconhecimento das tarefas executadas e participativas. Já que a criança necessita demonstrar sua evolução e conquista.

Fonte: a pesquisa.

Para a maioria dos professores, a família é incentivadora no processo, pois o docente é o responsável por despertar o interesse. Somente P3 apresenta de forma clara a sua compreensão sobre o papel do contexto social, considerando-o influenciador, mas não fator relevante no processo.

Nota-se a que o incentivo é fundamental, na visão dos docentes. Discussão já empreendida por Moraes e Varela (2007), em que descrevem que, se a própria família não se preocupa com os interesses da criança pela escola, a criança, possivelmente, não terá estímulos para os estudos.

7) *Motivação ou desmotivação do professor:*

Tabela 7 – Motivação docente.

Professor	Resposta
P1	Com certeza, se o professor não criar primeiramente uma expectativa para seu plano de aula não passará sua segurança ao aluno, favorecendo a desmotivação. Ser professor é ser exemplo!
P2	Sim. O professor motivado tem a vontade, o impulso para agir buscando estratégias que garantam que os objetivos sejam atingidos.
P3	Sim e muito. Um professor desmotivado não tem expectativas positivas em sua carreira e isso gera um desinteresse pelo seu trabalho, sem a entrega de si mesmo em suas atividades.
P4	Sim. Pois o professor motivado cria um espaço de construção, de valorização e respeito, no qual todos se sintam mobilizados a pensar em conjunto. A mediação é portanto, um elo que se realiza numa interação constante no processo ensino-aprendizagem.

Fonte: a pesquisa.

Para todos os professores, a motivação do professor é um fator importante em sala de aula. Para que seja realizado um bom trabalho é essencial que o professor seja motivado também. Segundo P1, se o professor não criar primeiramente uma expectativa em seu plano de aula não passará sua segurança ao aluno, favorecendo a desmotivação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na visão dos professores motivação trata do interesse, da vontade que os alunos têm em aprender, cabendo ao professor motivar o aluno, através das atividades aplicadas em sala de aula. Portanto, os educadores devem planejar suas atividades em sala de aula de maneira motivacional, uma vez que ela faz parte da vida humana. É aquilo que move uma pessoa.

Na escola é muito importante que o corpo docente seja preparado para trabalhar a motivação das crianças, fazendo assim com que as crianças aprendam de maneira

prazerosa. Dessa forma, a escola não se torna uma mera obrigação, facilitando então o aprendizado nessa fase tão importante na vida da criança, a fase da alfabetização.

REFERÊNCIAS

ARIAS, J. F. Perspectivas recientes en el estudio de la motivación: la teoría de la orientación de meta. **Revista Electrónica de Investigación Psicoeducativa**, 2 (1), 35-62, 2004.

BORUCHOVITCH, E. **A motivação do aluno** (4.ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.

BZUNECK, J. A. A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In: BZUNECK, J. A.; BORUCHOVITCH, E. **A motivação do aluno**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

DELORS, Jacques et al. **Educação: um tesouro a descobrir**: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 1998.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. Cortez Editora, 2017.

_____. **Psicogênese e educação**. Construindo a alfabetização, v. 2, 1986.

FONTAINE. **Motivação e realização escolar**. In: B. Campos (Org). Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. Cortez editora, 2017.

_____. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Editora Paz e Terra, 2014.

GUIMARÃES, Sueli ER. Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula. **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**, v. 3, p. 37-57, 2001.

_____. et al. O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da teoria da autodeterminação. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 17, n. 2, p. 143-150, 2004.

LABURÚ, Carlos Eduardo. Fundamentos para um experimento cativante. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 23, n. 3, p. 383-405, 2008.

LEMOS, Marina Serra. Motivação e aprendizagem. **Psicologia da educação: Temas de desenvolvimento, aprendizagem e ensino**, 2005.

LENS, Willy; MATOS, Lennia; VANSTEENKISTE, Maarten. Professores como fontes de motivação dos alunos: o quê e o porquê da aprendizagem do aluno. **Educação**, v. 31, n. 1, 2008.

LERNER, Delia. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário. **Porto Alegre: Artmed**, v. 77, 2002.

LOURENÇO, Abílio; PAIVA, Maria Olímpia. A motivação escolar e o processo de aprendizagem. **Ciências & Cognição**, v. 15, n. 2, p. 132-141, 2010.

MASLOW A . H. **Maslow no Gerenciamento**. Rio de Janeiro, Qualitymark, 2000.
_____. Uma teoria da motivação humana. **O comportamento humano na empresa**, v. 4, p. 340-353, 1975.

MORAES, Carolina Roberta; VARELA, Simone. Motivação do aluno durante o processo de ensino-aprendizagem. **Revista eletrônica de Educação**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2007.

OLIVEIRA, Livia de; ALVES, Antônio. A mensuração da motivação e do significado do trabalho. **Estudos de psicologia**, v. 6, n. 2, 2001.

SOARES, Magda. Que professor de português queremos formar. **Boletim da ABRALIN**, v. 25, p. 211-218, 2001.

_____. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio**, v. 29, p. 19-22, 2004.

TAPIA, A. Motivar para el aprendizagem. Teoria y estrategias. Barcelona: Edebé, 1997.